

ESLC

INQUÉRITO EUROPEU ÀS COMPETÊNCIAS EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS

SUMÁRIO EXECUTIVO

2011

SUMÁRIO EXECUTIVO

ESCL – apresentação do estudo

O primeiro *Inquérito Europeu às Competências em Línguas* (ESLC¹), iniciativa da Comissão Europeia, teve como principal objetivo avaliar a proficiência em língua estrangeira de alunos a frequentar, preferencialmente, o último ano do ISCED 2 (9.º ano de escolaridade), tendo por referência o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR).

O consórcio internacional *Surveylang* – composto por entidades especializadas em diferentes áreas – concebeu, aplicou e analisou os testes de avaliação da proficiência em língua estrangeira e os questionários ao aluno, à escola e ao professor. A informação reunida pelos questionários permitiu contextualizar os resultados obtidos na testagem e acrescentar conhecimento sobre as práticas de ensino e aprendizagem das línguas estrangeiras avaliadas.

Participaram no ESLC 14 países europeus, correspondendo a 16 sistemas educativos – Portugal, Espanha, França, Bélgica (subdividida nas suas três comunidades linguísticas: francesa, flamenga e alemã), Reino Unido (Inglaterra), Polónia, Suécia, Croácia, Estónia, Grécia, Malta, Holanda, Eslovénia e Bulgária. No total, o estudo envolveu, aproximadamente, 53 mil alunos.

Cada sistema educativo avaliou os seus alunos em duas das cinco línguas mais ensinadas na Comunidade Europeia: inglês, francês, alemão, italiano e espanhol. Portugal aferiu os resultados dos seus alunos em inglês como primeira língua estrangeira (LE I) e em francês como segunda língua estrangeira (LE II), dado serem estas as duas línguas mais ensinadas no território nacional. A avaliação da proficiência nas duas línguas estrangeiras conduziu à criação de duas amostras com, aproximadamente, o mesmo número de alunos. Cada aluno participante no estudo foi avaliado apenas numa das duas línguas estudadas.

Testes de língua estrangeira

Os testes de língua estrangeira avaliaram as competências dos alunos no uso da língua para alcançarem a compreensão de textos orais ou escritos e as competências no domínio da expressão escrita. Os resultados foram expressos de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas (QECR), estabelecendo-se níveis entre o A1 (utilizador elementar – iniciação) e o B2 (utilizador independente – vantagem).

1 Internacionalmente designado por *European Survey on Language Competences* – ESLC.

O estudo avaliou a proficiência dos alunos em três competências – Compreensão do Oral, Leitura e Escrita – e cada aluno foi testado em duas destas três competências, tendo igualmente respondido a um questionário individual que permitiu contextualizar, em função de dados socio-demográficos dos alunos e de condições de ensino e aprendizagem, os níveis de proficiência alcançados.

No conjunto dos 16 sistemas educativos participantes, 13 (incluindo Portugal) avaliaram a proficiência em inglês como primeira língua estrangeira (LE I). O alemão foi a segunda língua (LE II) maioritariamente avaliada – oito sistemas educativos testaram esta língua e apenas três, entre os quais Portugal, testaram o francês.

Participaram no estudo 3311 alunos portugueses provenientes de 137 escolas de Portugal continental e ilhas, seleccionados aleatoriamente através de um processo de amostragem em duas fases. Deste conjunto, 52% dos alunos avaliaram as suas competências em francês e 48% em inglês. As raparigas representaram 53% da amostra de alunos portugueses e os rapazes 47%. A maioria dos alunos inquiridos tinham 14 anos (57%) ou 15 anos (29%) no momento da inquirição².

A aplicação do estudo principal do ESLC foi antecedida por várias fases de testagem dos instrumentos de avaliação. A preparação do estudo iniciou-se em 2008 com a aplicação de um estudo piloto onde foram testados, em pequena escala, diferentes tipos de itens nos três domínios considerados. O estudo principal foi desenvolvido em Portugal durante os meses de fevereiro e março de 2011, tendo sido os resultados disponibilizados em 2012.

Os testes e o questionário ao aluno foram aplicados em computador e/ou em papel, consoante a opção tomada pelos sistemas educativos. A resposta aos questionários aos professores e aos diretores de escola processou-se através de uma plataforma na Internet. Portugal respondeu com recurso ao computador aos testes de avaliação da proficiência em língua estrangeira e ao questionário ao aluno.

Os testes tiveram uma duração máxima de uma hora e vinte minutos ou uma hora e cinco minutos, consoante o grau de dificuldade do teste de Escrita. Todos os testes de Compreensão do Oral e de Leitura tiveram uma duração máxima de 30 minutos. O preenchimento do questionário ao aluno teve uma duração máxima de 45 minutos.

² 98,8% dos alunos que responderam ao ESLC encontravam-se a frequentar o 9.º ano de escolaridade.

Resultados

Os resultados do primeiro estudo europeu sobre a competência em línguas estrangeiras revelam variações muito expressivas, quer entre os vários sistemas educativos participantes, quer entre os resultados alcançados num mesmo sistema educativo para a LE I e para a LE II. Considerando o conjunto de sistemas educativos participantes e as línguas avaliadas, os resultados mostram, globalmente, baixos níveis de proficiência, sendo estes mais evidentes na segunda língua avaliada. O nível de proficiência B – utilizador independente – é alcançado por 42% do conjunto de alunos avaliados na primeira língua e somente por 25% na segunda língua. Refira-se ainda que 14% dos alunos não chegam a atingir o nível A1 (utilizador elementar – iniciação) na primeira língua, um valor que cresce para 20% no caso da segunda língua avaliada. Os melhores desempenhos verificados na primeira língua avaliada não são inesperados, dado o menor número de anos de aprendizagem que, de uma forma geral, os vários sistemas educativos participantes estabelecem para a segunda língua.

De acordo com os resultados apurados por língua, o inglês regista os melhores desempenhos no conjunto das cinco línguas avaliadas (perto de 50% dos alunos avaliados nesta língua alcançam o nível de utilizador independente em qualquer dos domínios considerados no estudo).

Indicador europeu

Um dos objetivos do estudo foi contribuir para a criação de um indicador internacional a partir dos resultados obtidos nas três competências linguísticas analisadas – Compreensão do Oral, Leitura e Escrita. Os Gráficos 2.2 e 2.3 do relatório nacional apresentam este indicador, constituído a partir da média dos resultados obtidos nas três competências linguísticas em cada sistema educativo.

Gráfico 2.2 :: Percentagem de alunos por nível e por sistema educativo – Primeira Língua avaliada (média global das três competências: Leitura, Compreensão do Oral e Escrita)

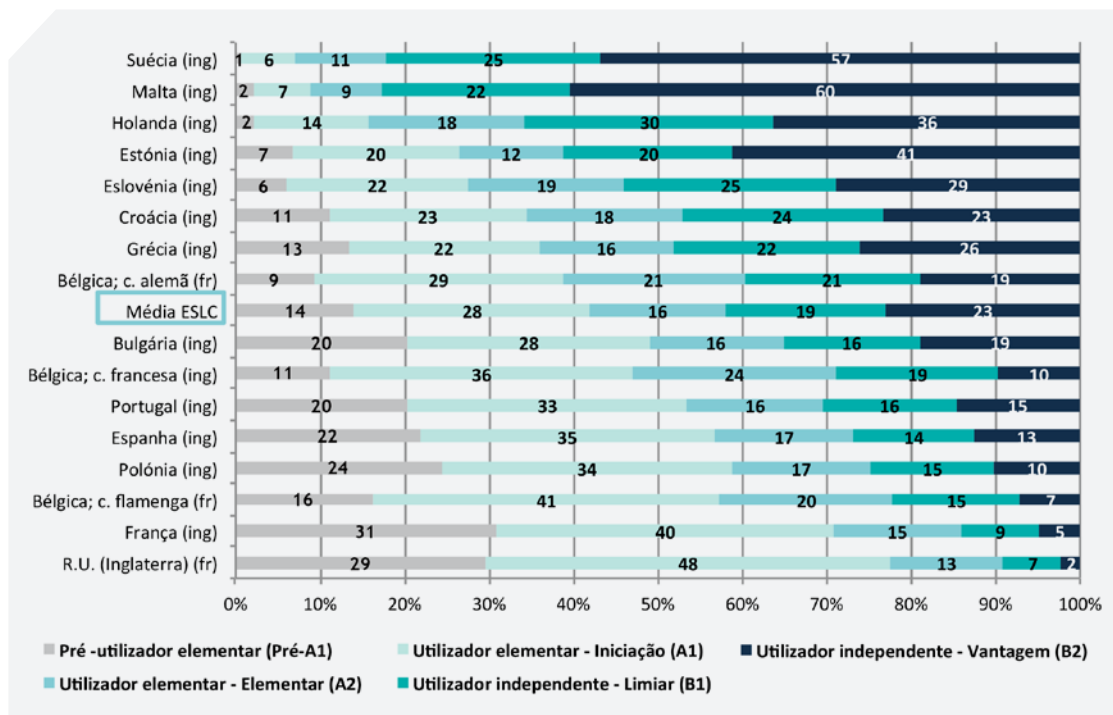
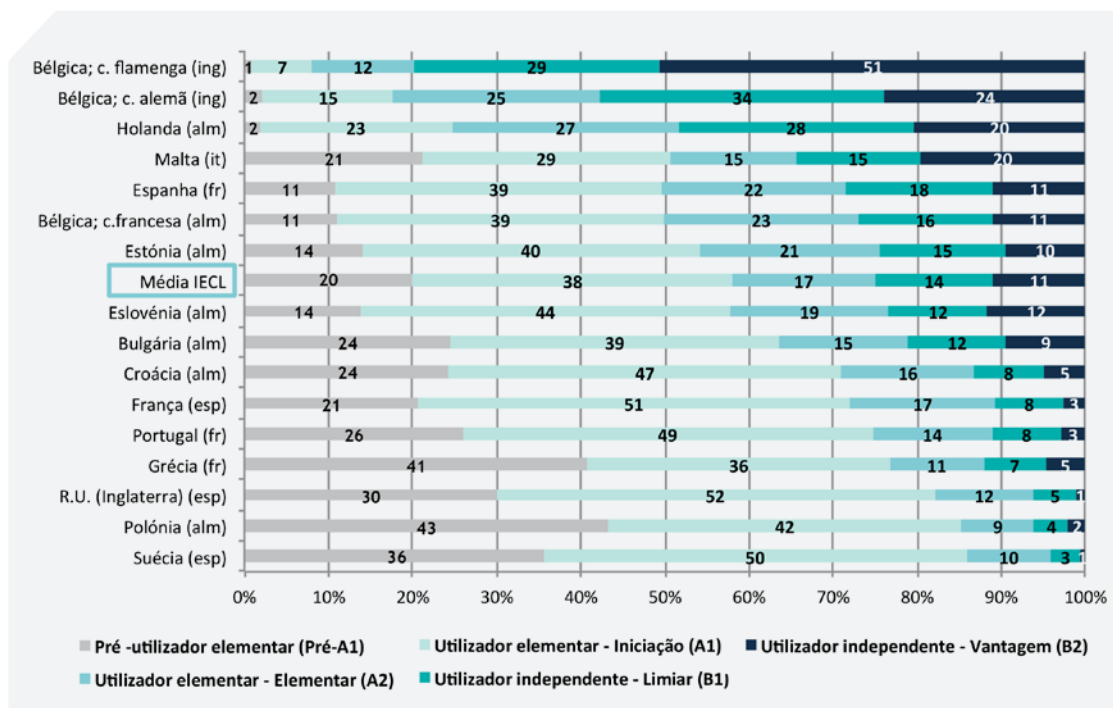


Gráfico 2.3 :: Percentagem de alunos por nível e por sistema educativo – Segunda Língua avaliada (média global das três competências: Leitura, Compreensão do Oral e Escrita)



Nota: A indicação à frente do nome de cada país refere-se à língua avaliada nesse país (inglês, francês, alemão, espanhol ou italiano) como Primeira língua avaliada (Gráfico 2.2) ou Segunda língua avaliada (Gráfico 2.3).

Na LE I, oito sistemas educativos alcançam resultados acima da média global. O grupo de países com melhores resultados é liderado pela Suécia – mais de metade dos alunos avaliados neste país (57%) alcançaram o nível B2 (utilizador independente – vantagem). No outro extremo da escala, somente 2% dos alunos do Reino Unido (Inglaterra) alcançaram este nível.

Os resultados nacionais ficaram abaixo da média global, ocupando Portugal a 11ª posição na escala ordenada de resultados para a LE I – 31% dos alunos portugueses atingiram o nível B e 20% não chegaram a alcançar o nível A1.

Os resultados da segunda língua avaliada são inferiores aos verificados na primeira língua. Somente sete sistemas educativos registam resultados acima da média global. Portugal ocupa a 12ª posição, com apenas 11% dos alunos a alcançarem o nível B e com 26% a não conseguirem chegar ao nível A1.

Apenas quatro sistemas educativos ficaram acima da média global nas duas línguas avaliadas – Malta, Estónia, Holanda e comunidade alemã da Bélgica – e cinco ficaram abaixo da média global nas duas línguas avaliadas – Portugal, Bulgária, França, Polónia e Reino Unido (Inglaterra). A variação de resultados num mesmo sistema educativo para a LE I e para a LE II é também muito acentuada em alguns países, sendo o caso da Suécia o mais expressivo da diferenciação de resultados entre as duas línguas – este país ocupa o primeiro lugar na LE I e o último na LE II.

Os resultados nacionais indicam que a competência de Compreensão do Oral na LE I foi aquela em que uma percentagem mais elevada de alunos portugueses alcançou o nível B (38%), mas também a que registou a maior proporção de alunos abaixo do nível A1 (23%). Na competência de Leitura e Escrita, um pouco mais de metade dos alunos portugueses avaliados (53% e 55%, respetivamente) alcançaram o nível A.

A análise dos resultados por tarefa mostra que os alunos portugueses revelam ainda muitas fragilidades na resolução de itens elementares da Compreensão do Oral, da Leitura ou da Escrita. Na comparação com os resultados médios internacionais, o desempenho dos alunos portugueses nas tarefas de língua inglesa situa-se, na maioria dos casos, abaixo da média internacional. As tarefas em que os alunos revelaram maior dificuldade foram as de Leitura e de Escrita.

Efeitos de contexto na proficiência em língua estrangeira

Apesar de salientar a grande variedade de contextos de ensino-aprendizagem e de resultados na proficiência das línguas entre os vários sistemas educativos, o ESCL permitiu também realçar alguns aspetos formais e informais da aprendizagem das línguas que influenciam os resultados obtidos. Veja-se, por exemplo, *a utilização da língua estrangeira em sala de aula, a exposição aos media (novos e tradicionais), ou a utilidade da aprendizagem do inglês*. Os resultados mostram que quanto mais frequente for a utilização da língua em contexto de sala de aula por alunos e professores, quanto mais elevada for a exposição aos *media* novos e tradicionais, ou mais expressiva for a indicação da utilidade da aprendizagem do inglês, mais elevados são os desempenhos nos testes de proficiência em língua estrangeira.

Refira-se, a este propósito, aquela que é uma recomendação da Comissão Europeia desde o Conselho Europeu de Barcelona, em 2002, que aponta para o começo da aprendizagem das línguas estrangeiras nos primeiros anos de escolaridade. De acordo com a informação resultante da aplicação do método estatístico de regressão entre o início da aprendizagem das línguas e os resultados alcançados nos testes de proficiência, quanto mais cedo se inicia a aprendizagem de línguas estrangeiras, melhores são os desempenhos.

À semelhança do que se verifica na maioria dos sistemas educativos, os alunos portugueses que iniciaram mais cedo a aprendizagem das línguas avaliadas registam também melhores desempenhos – uma evidência ainda mais nítida na competência de Escrita. Esta informação reforça a pertinência da generalização da aprendizagem das línguas estrangeiras nos primeiros anos de escolaridade.

ESLC
SUMÁRIO EXECUTIVO

DESIGN E PAGINAÇÃO : CATARINA CORREIA MARQUES
EDIÇÃO : OUTUBRO 2013
© PROJAVI, SURVEYLANG